

VI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXI Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2014.

Toxicomania e o recurso à alteração: histórias de vivências de indiferença.

Macedo, Mônica y Dockhorn, Carolina.

Cita:

Macedo, Mônica y Dockhorn, Carolina (2014). *Toxicomania e o recurso à alteração: histórias de vivências de indiferença*. VI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXI Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-035/671>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ecXM/ZRU>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

TOXICOMANIA E O RECURSO À ALTERAÇÃO: HISTÓRIAS DE VIVÊNCIAS DE INDIFERENÇA

Macedo, Mônica; Dockhorn, Carolina

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brasil

RESUMEN

Este tema livre aborda a temática da alteração da percepção, da temporalidade e do corpo como recurso próprio à toxicomania que conduz ao ser-estar alterado em si mesmo e no investimento ao objeto. Assim, discute-se, por meio de duas vinhetas como o encontro do sujeito com o objeto-droga reproduz intensidades de investimentos decorrentes do predomínio de vivências de indiferença no encontro com o objeto primordial. São explorados aportes da Psicanálise que permitem problematizar a intensidade de dor psíquica presente no padecimento toxicômano.

Palavras chave

Drogas, Recurso à alteração, Vivência de indiferença

ABSTRACT

SUBSTANCE ABUSE AND THE RECOURSE TO ALTERATION: STORIES OF EXPERIENCING INDIFFERENCE

This free topic addresses altered perception, temporality, and the body as recourse proper to substance abuse that leads to the altered being in itself and in the investment in the object. By means of two vignettes, we are going to discuss how the subject's contact with the drug-object reproduces intensities of investments resulting from prevailing experiences of indifference when having contact with the primordial object. We are going to look into Psychoanalytical inputs that make it possible to discuss the intensity of psychological pain experienced by people who abuse substances.

Key words

Drug addiction, Resource to alteration, Experience of indifference

O Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) realizou um Projeto de Pesquisa denominado **“O Sujeito da Dependência química: uma proposta de intervenção psicanalítica”**. Neste Tema Livre apresenta-se um estudo vinculado a este Projeto Maior sobre a condição da toxicomania, cujos achados foram trabalhados com a estratégia metodológica intitulada Estratégia Clínico-interpretativa (Dockhorn e Macedo, 2014). Neste estudo foram trabalhadas as entrevistas realizadas com sete participantes a fim de que se pudesse escutar suas histórias de vida e trabalhar aspectos relativos à condição de toxicomania.

A escuta destes participantes colocou em evidência profundas fraturas no si mesmo, resultantes de traumáticas vivências de excesso, caracterizando o que, neste tema livre, se propôs chamar de um *pacto mortífero com o objeto primordial*. As precariedades no que diz respeito aos recursos e às capacidades de investimento do Eu fizeram-se presentes a todo momento na fala desses sete sujeitos, denunciando o aprisionamento a um estado de *servidão* aos objetos primários. Tal servidão é reproduzida, compulsivamente, na consolidação dessa servidão a outros objetos e, fundamentalmente,

ao objeto-droga.

Concorda-se com as proposições de Le Poulichet (1990/2005) sobre ser a *operação do farmakon* uma estratégia defensiva que visa à proteção do narcisismo, isto é, uma operação de defesa frente ao caráter tóxico das intensidades pulsionais não passíveis de serem representadas e organizadas cadeias simbólicas engendradas no Princípio do Prazer. Considera-se, pois, que este cancelamento tóxico da dor, o qual representa um *estado de alteração da economia psíquica*, é a via prioritariamente eleita pelo sujeito toxicômano na dinâmica de seus investimentos. Esta constatação deriva da constatação da presença, em suas histórias de vida e em suas repetidas tentativas de sobrevivência psíquica, de outras importantes alterações inauguradas desde suas primeiras relações com o outro.

Ao remeter à existência deste pacto mortífero, buscou-se retratar a alteração da experiência de assimetria vivida por esses sujeitos. Assim, a hipótese apresentada sobre a experiência de toxicomania neste tema livre é de que nela o aprisionamento narcísico, imposto desde as relações primárias, operou-se no seio de vivências traumáticas, marcadas por sucessivas alterações da percepção, invalidando a construção da condição de sujeito.

Tomando-se a ideia de Ferenczi (1933/1992) acerca da confusão de línguas entre o adulto e a criança e suas proposições a respeito do caráter eminentemente traumático do desmentido adulto em relação à experiência infantil, pode-se sustentar a ideia de ser a sistemática alteração da percepção fundante de uma situação traumática. Nessa linha de raciocínio, inserem-se as proposições de Moraes e Macedo (2011) sobre ser no não reconhecimento e investimento da criança no campo da alteridade que a diferença é desmentida e a criança jogada num circuito mortífero de desamparo.

A não validação por parte do adulto-cuidador da condição de sujeito da criança impõe, segundo as proposições de Ferenczi (1933/1992), a vivência de um abuso, o qual tende a repetir-se diante da impossibilidade de representação da criança que o sofre. Para Moraes e Macedo (2011), a experiência de não reconhecimento, por parte das figuras primordiais, da alteridade que a criança representa, constitui *uma vivência de indiferença*.

Winnicott (1945/1993) também oferece à Psicanálise proposições teóricas, cuja fecundidade permite problematizar as situações nas quais a criança experimenta sucessivas falhas no cuidado. Para esse autor, o cuidado suficientemente bom é aquele que respeita o ritmo do desenvolvimento da criança, devendo, portanto, manter o estado de ilusão que caracteriza a período da Dependência Absoluta para, gradativamente, romper a onipotência que marca os primeiros tempos da vida psíquica. Como destaca Ribeiro (2011), desde o ponto de vista winnicottiano, é somente a ilusão inerente à criatividade primária que garante a possibilidade de o bebê suportar a inevitável desilusão oriunda da progressiva diminuição da adaptação ambiental às suas demandas.

Ao introduzir a Realidade Externa, promovendo paulatinamente a desilusão, o cuidador oferece à criança a possibilidade de complexização psíquica, a qual permite a ascensão a um estado de inter-

dependência, isto é, o reconhecimento do valor do outro simultâneo à *capacidade de estar só* (Winnicott, 1958/1998). Pode-se considerar a capacidade de estar só como a aquisição da autonomia e a consolidação do registro da alteridade, uma vez que se refere à capacidade de sentir-se real e à solidificação de uma *continuidade de ser* ainda que longe do objeto.

Dessa forma, o estado de *alteração* próprio e necessário ao início do desenvolvimento psíquico - quando o bebê acredita produzir os objetos que lhe satisfazem - pode, pouco a pouco, ser substituída pela realidade transicional (Fulgêncio, 2011). É, justamente, através da mediação permitida pelos fenômenos e objetos transitórios que o desenvolvimento progride rumo à integração e ao reconhecimento “de uma realidade não-Eu objetivamente percebida” (p.497). De acordo com Fulgêncio (2011), o acontecimento traumático pode ser, então, compreendido como aquele que ultrapassa a capacidade de a criança lidar com o mundo (realidades subjetiva, transicional e externa/objetiva), produzindo uma quebra no processo do amadurecimento. A consequência é uma quebra na *continuidade de ser*. Quanto mais significativas forem as falhas experimentadas pela criança, maiores serão os efeitos nessa quebra de continuidade de ser, impedindo o processo de integração do *self*.

Considerando-se que, no início da vida psíquica, é fundamental que existam alterações na leitura da Realidade de tal forma a acreditar que os objetos são subjetivamente produzidos, pode-se utilizar as contribuições winnicottianas para problematizar essas dinâmicas toxicômanas, nas quais os estados de alteração seguem sendo produzidas e mantidas pelo sujeito. Além disso, Savietto (2010), ao tomar as proposições de Chabert (2006), afirma ser característico da toxicomania o desinvestimento da realidade em prol de uma ação da droga sobre a percepção. Tal movimento privilegia uma relação consigo mesmo em detrimento de qualquer relação com a alteridade. Destaca a autora, contudo, que se trata de “uma relação consigo mesmo falaciosa, uma vez que esta relação, devido ao intermédio de uma substância tóxica, se dá com um si mesmo alterado” (Savietto, 2010, p. 115-116).

Resgata-se, também, a ideia defendida por Le Poulichet (1990/2005) acerca de a *operação do farmakon* viabilizar ao sujeito operar uma *alteração da temporalidade*. A autora parte da concepção freudiana de satisfação alucinatória do desejo para evidenciar como o caráter alucinatório e imediato de satisfação se opõe à temporalidade, na medida em que não está ordenada em uma cadeia significativa. De forma análoga, a *atualidade* da dor psíquica e do traumático, presentes na toxicomania, denunciam a ausência de simbolização do vivido e, conseqüentemente, a impossibilidade de auto-historização do sujeito.

Alinha-se tal perspectiva à proposição já apresentada por Birman (2012) acerca de a precariedade do registro do tempo deixar o sujeito sem passado e sem futuro, aprisionado no presente da dor psíquica. Nesse sentido, Savietto (2010) ressalta o quanto tais intensidades não encontram lugar no psiquismo, já que não são representadas e, portanto, não se inserem em uma cadeia simbólica. O resultado é, então, um *não cessar* das intensidades, o que implica que elas “configuram-se como alguém do trabalho do tempo” (p.114). Na aproximação que Le Poulichet (1990/2005) faz da *operação do farmakon* à noção de satisfação alucinatória do desejo, tem-se o destaque ao recurso do distanciamento da diferença, sendo todo efeito de ruptura anulado. O objetivo diz respeito a garantir que nenhuma discordância perturbe o circuito fechado que se estrutura a partir dessa operação.

Há, ainda, uma *alteração no e do corpo*. Ao propor a *operação do farmakon*, Le Poulichet (1990/2005) aproxima-se ao modelo freudiano da hipocondria, apresentado no texto sobre o Narcisismo (Freud,

1914/1996). Nesse, Freud (1914/1996) ressalta o quanto, na hipocondria, opera-se uma transformação da dor psíquica em queixa somática. Por isso, o investimento do sujeito recai, totalmente, no corpo, em direção ao órgão que lhe prende a atenção. Le Poulichet (1990/2005) toma essa ideia, associada à noção de alucinatório, para propor a presença na toxicomania da construção de um membro fantasma, o qual restringe as demandas do sujeito drogadito a uma demanda psicomédica. Mais do que psicoeducados, pode-se compreender as falas dos sujeitos escutados neste estudo acerca da fissura e da impossibilidade de controle do si mesmo frente a elas como um exemplo dessa demanda psicomédica, à qual a autora se refere.

Tais considerações teóricas a respeito da condição de toxicomania vinculada a vivências de indiferença (Moraes e Macedo, 2011), permitem constatar a presença maciça da alteração em suas histórias de vida. Optou-se, neste Tema Livre, pela ilustração da temática por meio de vinhetas das histórias de vida de Nadine e Cristina.

Nadine tinha um namorado [Leon], o qual percebia as alterações que a droga causava na vida dela e, por isso, era o único opositor ao seu uso. De fato, segundo a participante, mesmo sem ter noção da dimensão do consumo de drogas (seu uso sistemático de cocaína, por exemplo) por parte da namorada, Leon se incomodava com o vício em tabaco, ou com o uso de maconha. Segundo Nadine, ele a percebia “*desleixada*”, “*sem conseguir fazer as minhas coisas*”, e várias vezes o casal se separou por conta disso. “*Daí, ele me pediu em noivado pra ver se a nossa relação se firmava e foi num período, assim, que eu tinha usado bastante, eu estava bem desleixada, que eu não estava muito querendo. Eu ficava num impasse: eu amo ele, mas eu quero usar, porque a minha fissura é maior às vezes do que o amor que eu sinto por ele*”.

O tema primordial da fala de Nadine refere-se, efetivamente, à qual fissura? Sem nenhum intuito de desconsiderar os efeitos bioquímicos das substâncias psicoativas, busca-se refletir sobre a economia psíquica do sujeito toxicômano. Afinal, não estaria a condição de servidão alterada pela percepção de que a demanda somática do corpo (fissura) é maior do que o amor por Leon? Seria de fato uma oposição corpo (fissura) X psiquismo (amor) que estaria em jogo nessa fala?

Le Poulichet (1990/2005) propõe o paradoxo da *operação do farmakon*, ressaltando o *caráter de remédio e veneno* que o tóxico adquire para o sujeito. Na tentativa de automedicar-se contra a dor psíquica, é preciso engendrar o investimento no membro fantasma de tal forma a buscar no tratamento do corpo, via o uso do tóxico, a evacuação das intensidades. Nesse sentido, afirma Le Poulichet (1990/2005) que “se a diferença ressuscita a dor, a *operação do farmakon* desconecta o corpo no alucinatório para que a psique fique a salvo de toda a efração” (p.99). Trata-se, assim, de uma progressiva renúncia do corpo erógeno em prol do tratamento do corpo-organismo, isto é, do corpo na ordem do Real.

Acredita-se que esse real tratamento do corpo, marca da toxicomania, produz, efetivamente, uma completa alteração na condição de *ser e estar* no mundo. Diante da dor, ao invés de empreender um trabalho de enfrentamento e simbolização, recorre-se à alteração alucinatória produzida pelo tóxico.

Cristina encontra-se com a cocaína depois de alguns flertes com a sibutramina, crendo na possibilidade de que tal objeto pudesse suprir seu vazio e intolerância a si mesma. Quando refere o dia em que provou a droga pela primeira vez, conta do seu estranhamento quanto às atitudes das pessoas em volta dela: “*Tinha uma menina que tinha namorado um vizinho meu e ela tinha começado a trabalhar lá no mercado [onde Cristina trabalhava]. Eu me lembro que ela fazia jantas, era popular, e ela ficou mais amiga de uma menina que*

eu me dava bem. Um dia a gente foi num aniversário e ela apareceu lá de carro [...]. Hoje - que eu conheço o efeito da droga - eu sei que ela estava com efeito naquele dia. Mas naquele dia, eu achei que ela estava puxando o meu saco ou que ela gostava muito de mim. Foi ela quem convidou essa outra menina que tava na festa comigo - 'Vocês não querem dar uma volta com a gente?'. Era pra ir num posto, que atrás desse posto tinha um 'garajão', onde ficavam vários carros estacionados e um monte de gente bebendo. E ela começou a me apresentar pra todo mundo e a me elogiar. Ela falava sem parar e eu achava todo mundo muito estranho. Eu estava morrendo de frio e estava super frio na rua. Eu, morrendo de frio, e quem estava lá, estava curtindo muito. Aí eu disse - 'meu Deus, será que eu sou a estranha, será que eu sou a normal?'. De fato, a drogadição permitiu a Cristina gozar daquilo que ela entendia ser um novo lugar no mundo e nas relações. Fez muitos "amigos" e estava sempre sendo convidada para sair na companhia deles: "Na época, é como se eu fosse a prefeita da cidade assim, que todo mundo me conhecia". O detalhe de tal popularidade residia no fato de Cristina "botar substâncias pra todo mundo, assim, em festas que eu ia, nas festas que eu fiz. Daí, eu pegava o carro e ia em vários pontos da cidade pra saber onde estava a galera. E, aí, aparecia sempre com substâncias. Então, eu fiquei super conhecida, assim, todo mundo sabia que se eu chegasse, eu ia chegar com um monte de substâncias... e de carro".

Cristina buscou na droga a promessa da felicidade. Mesmo experimentando o estranhamento no dia da festa no "garajão", Cristina voltou à dúvida para a sua própria percepção, demonstrando como o movimento da alteração se fez presente desde o início de sua busca pela droga. Cristina se familiarizou com os estranhos e manteve, assim, uma alteração em relação ao estranho dentro dela. Pode-se, inclusive, considerar que a via da felicidade proporcionada pela cocaína passava pela promessa de alteração que ela trazia: de gorda e infeliz para magra, desejada e cheia de amigos. A intensidade das alterações provocadas por Cristina também tornam-se evidentes na ocasião em que buscou ajuda para tratar-se da Drogadição. Ela havia comprado cocaína e "já fui pra casa de um que eu ficava há muito tempo atrás. Naquele dia, eu pousei no apartamento dele, fiquei com ele. No outro dia de manhã eu vi que estava no fundo do poço. Ele pegou e disse 'ah, acho já deu até a tua hora de ir embora'. Daí eu disse, "Meu Deus do céu, onde é que eu estou me metendo? Me senti a maior ranhenta, chinela, vagabunda". O ponto de ruptura parece ter sido, justamente, um momento de quebra da alteração: o momento em que, após o efeito da droga, Cristina foi lançada pelas palavras do rapaz ao ver sua imagem refletida no espelho. Sentiu-se novamente sem valor, infeliz e feia, tudo aquilo que Cristina acreditava - pela ação das muitas alterações - que a cocaína tinha permitido que ficasse para trás.

Ao ter de recorrer com tamanha intensidade a recursos de **alteração** - alteração do si mesmo, alteração da percepção, alteração do tempo, alteração do corpo, alteração no corpo - o sujeito drogadito acaba por operar sobre si um processo dessubjetivante, alterando, conseqüentemente, sua condição de sujeito. Nessa perspectiva, considera-se que, mesmo sendo o recurso à alteração a única estratégia encontrada para lutar pela garantia de sobrevivência psíquica, as conseqüências decorrentes desse processo retratam, de maneira indiscutível, o caráter tanático presente nessa dinâmica e economia da toxicomania.

Concorda-se com o caráter paradoxal presente na toxicomania, tal como ressaltado por Le Poulichet (1990/2005), uma vez que, na tentativa de autotratamento e de automedicação, o sujeito *envenena-se* com tamanha intensidade que acaba por alterar a sua condição de sujeito psíquico. Ao buscar proteção contra o aniquila-

mento do Eu, o sujeito, denunciando sua fragilidade, envereda por um caminho de investimentos destrutivos, cujo destino refere-se a uma alienação da alteridade, a qual compromete sua condição de *ser*. Nas histórias de Nadine e Cristina, assim como nas histórias dos outros cinco participantes de estudo foi possível identificar relações com figuras primordiais marcadas pela ausência de um olhar e de um investimento que viabilizasse ao sujeito *ser percebido* para depois *perceber-se*. Na alteração sistemática a qual recorrem na urgência do uso do tóxico reproduzem uma não atribuição de existência à dor psíquica. Ao buscar o remédio, encontram e aprisionam-se no veneno. Quanto mais usam, menos existem. Na escravidão ao objeto-droga, atualizam o lugar de não existência das experiências de indiferença diante do outro. Leon e o amigo de Cristina nomeiam algo que inicialmente, elas não reconhecem como sendo elas mesmas. Se estes novos objetos da história se encarreram da nomeação do estrago da droga, o que eles atualizam do poder atributivo ao outro sobre o que elas não reconhecem como sendo de si mesmas?

Entende-se, portanto, que esta condição de aniquilamento do Eu destes sujeitos toxicômanos, acionada continuamente via impactantes alterações, reproduz e atualiza compulsivamente na relação de servidão estabelecida com o objeto-droga, a vivência de indiferença que marca suas histórias de vida. As alterações levam em ações que são alteradas em sua compreensão e avaliação do estrago psíquico que provocam ao Eu.

BIBLIOGRAFIA

- Birman, J. (2012). O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Chabert, C. (2006). Actes et dépendances. Paris : Dunod.
- Dockhorn, C. N. B. F., & Macedo, M. M. K. (2014). Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. [No Prelo].
- Ferenczi, S. (1933/1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi. Obras completas de Sandór Ferenczi (vol.4, p. 111-121). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. & Trad.). Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol.14, pp. 81-108). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1914)
- Fulgêncio, L. (2011). Compulsão à repetição no contexto analítico para Winnicott. Revista de Filosofia Aurora, 23(33), 493-506.
- Le Poulichet, S. (2005). Toxicomanias y Psicoanálisis: las narcosis del deseo. Buenos Aires: Amorrortu. (Texto originalmente publicado em 1990).
- Moraes, E. G., Macedo, M. M. K. (2011). Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Ribeiro, P. C. (2011). As origens do psiquismo em Winnicott e Gaddini. In C. A. Garcia & M. Rezende Cardoso (Orgs.), Limites da clínica, clínica dos limites (pp.33-46). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Savietto, B. B. (2010). Drogadição na juventude contemporânea: a "intoxicação" pelo outro. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil). Retirado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp132005.pdf>.
- Winnicott, D. W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: D. W. Winnicott (Orgs.), Da pediatria à psicanálise (pp.269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Obra originalmente publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (1998). A capacidade de estar só. In D. W. Winnicott (Orgs.), O ambiente e os processos de maturação (pp.31-37). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra originalmente publicada em 1958)